



ENTRE DESEJOS E TRANSGRESSÕES: A RECEPÇÃO DA OBRA *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES* NA PLATAFORMA SKOOB

BETWEEN DESIRES AND TRANSGRESSIONS: THE
RECEPTION OF THE WORK *UNSUBMISSIVE TEARS OF
WOMEN* ON THE SKOOB PLATFORM

Dauana Pinheiro Leal dos Santos¹
Universidade do Estado da Bahia

Resumo: Neste artigo, analisa-se o modo como os leitores, no contexto das mídias sociais, recepcionam a obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo. Utiliza-se como método investigativo a análise de resenhas publicadas na plataforma *Skoob*. Busca-se averiguar os aspectos pelos quais o leitor é afetado pela *escrevivência* presente no livro. Constatase que a identidade e a experiência do leitor moldam a forma de ler e avaliar a qualidade estética e literária da obra. Para proceder à análise, foram selecionadas cinco resenhas enviadas pelos leitores da plataforma. Através desse exame, foi possível identificar uma substancial camada de leitores negros, a qual também abarca leitores que presenciaram ou compreendem as demandas de experiência das pessoas negras. O estudo se baseia nos pressupostos da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss (1979) e Jacques Rancière (2014).

Palavras-Chave: Leitor; Recepção; Experiência; Conceição Evaristo.

¹ Endereço eletrônico: dauanaleal@hotmail.com.

Abstract: *In this article, we analyze how readers, in the context of social media, receive the work Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2016), by Conceição Evaristo. The investigative method used is the analysis of reviews published on the Skoob platform. It seeks to investigate the aspects by which the reader is affected by the writing in the book. It is found that the reader's identity and experience shape the way he/she reads and evaluates the aesthetic and literary quality of the work. To proceed with the analysis, five reviews submitted by readers of the platform were selected. Through this examination, it was possible to identify a substantial layer of black readers, which also encompasses readers who have witnessed or understand the demands of black people's experience. The study is based on the assumptions of the Aesthetics of Reception, by Hans Robert Jauss (1979) and Jacques Rancière (2014).*

Keywords: *Reader; Reception; Experience; Conceição Evaristo.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escritora contemporânea afro-brasileira Conceição Evaristo tem, como projeto político-literário, a autorrepresentação do povo negro, sobretudo das mulheres negras. Através da *escrevivência*, termo cunhado pela autora para nomear a sua escrita, a qual está vinculada à sua experiência de mulher negra na sociedade brasileira, ela traz para o cerne da literatura nacional, elementos que compõem a cultura africana e afro-brasileira, transgredindo, desse modo, os padrões impostos pela sociedade, cuja estrutura é racista e sexista. Considerado um termo inaugural no cerne da literatura contemporânea afro-brasileira, a autora promove, através dessa instauração, um debate promissor em relação à identidade, sobretudo, da mulher negra. A *escrevivência* apresenta-se e destaca-se nas suas obras através da percepção dos seus relatos, das experiências que remetem à sua história de vida e a de tantas outras mulheres, acometidas pelas mesmas mazelas e pelos mesmos percalços, os quais passam por uma metamorfose da linguagem poética, solidificando-se em texto literário, pelas suas produções. Desse modo, trata-se de uma escrita que faz ecoar as vozes de um povo que é silenciado pela cultura do dominante. A *escrevivência* é atravessada pelos eventos de uma memória individual, ancestral afro-diaspórica e coletiva e, por isso, reflete a vivência dos grupos negros.

Dentre as diversas obras produzidas pela autora, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) chama a atenção, tanto pela sua forma, quanto pelo conteúdo. O livro composto por treze contos apresenta uma estrutura narrativa peculiar pela maneira como as histórias das personagens são construídas e por possuir somente uma narradora para todos os contos.

A narradora personagem é uma viajante que deambula por cidades em busca de mulheres que concordem em narrar suas experiências ou as deixem contar. Em diversos momentos, as histórias se fundem, dando a impressão de cumplicidade entre as partes. Outro detalhe interessante é que a narradora, ao priorizar a escuta, permite que as personagens assumam o controle da narração. O seu deleite está em ouvir atentamente o que o outro tem a dizer, e, a partir da escuta, cria as ficções. É importante frisar que todas as histórias das mulheres negras personagens dos contos, possuem finais felizes, mesmo com todos os conflitos decorrentes da exploração, sexismo e violência ao longo da trama, os quais são considerados acontecimentos inesperados, quando comparamos com obras anteriores escrita pela autora.

Todo produto cultural, no campo das artes, causa um efeito estético em seus receptores, pois está interligado ao horizonte de expectativa (JAUSS, 1979), construído a partir do repertório de quem consome. No caso da obra em questão, esse horizonte se forma através dos valores produzidos e compartilhados no contexto sociocultural em que os leitores estão inseridos, através das obras da autora que foram anteriormente lidas, de outras escrituras, bem como por meio do acesso à fortuna crítica referente à obra e ao seu autor. De acordo com Jauss (1979, p. 73):

Para análise da experiência do leitor (...) de um tempo histórico determinado, necessita-se diferenciar, colocar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor. Ou seja, entre o efeito, como momento condicionado pelo texto e a recepção como momento condicionado pelo destinatário para a concretização do sentido como duplo horizonte.

Nesse sentido, o presente artigo objetiva investigar de que modo a obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), escrito pela autora afro-brasileira Conceição Evaristo, é recepcionado pelos leitores na plataforma *Skoob*, e como essa obra afeta os seus leitores. A análise será feita através de resenhas que foram publicadas pelos leitores na página, respaldadas pela liberdade que o domínio, em âmbito virtual, confere ao público.

Às vezes, esses espaços funcionam como verdadeiros tribunais cujos juízes e advogados são os leitores que defendem, inocentam e condenam uma obra a partir dos repertórios que armazenam na memória. De acordo com Jauss (1979, p. 82) a experiência estética proporcionada pela comunicação entre obra e leitor “emergiu numa forma nova e inesperada, seja esquivando-se da proibição, seja reinterpretando os cânones, seja descobrindo novos meios de expressão (...)”. É pertinente acrescentar que esses leitores estão cada vez mais exigentes e livres para tecer as suas interpretações, principalmente a partir do advento das mídias sociais, que lhes conferiram um acesso mais rápido e democrático às obras literárias, e, devido à diversidade de identidades, os leitores assumem uma posição mais reivindicativa quanto ao aumento da representatividade.

É importante ressaltar que nenhuma leitura é despreziosa, e não são todos os discursos que podem circular livremente. Nesse sentido, a literatura, como uma instituição organizadora da sociedade, cria mecanismos de exclusão que interferem na veiculação de discursos dissidentes. Por essa razão, as produções literárias escritas por mulheres negras preenchem as lacunas deixadas pelos discursos dominantes, e a recepção desses textos influencia na construção identitária do leitor, assim como no sentido contrário. De acordo com Hall (2000), a identidade é uma construção social móvel e flexível e constitui-se através do jogo de poder.

Em um país no qual a desigualdade racial atinge negativamente a população de pele escura, obras de escritoras negras são vistas de modo estereotipado por uma crítica especializada elitista, que escamoteia o racismo através de parâmetros de avaliação organizados conforme a qualidade estética do texto. Contudo, é notado que cada vez mais está sendo reivindicado, pelos leitores, que as obras as quais representam positivamente pessoas negras estejam no cerne da literatura nacional, já que o cânone literário não contempla as diferentes camadas sociais. E, devido à militância dos movimentos negros, tem-se percebido uma tomada de consciência no âmbito literário, mesmo que de forma lenta, em relação à produção e à circulação desses textos, outrora escamoteados/marginalizados. A pressão em torno da mídia também tem contribuído para chamar a atenção em relação à temática.

Apesar do exposto, a literatura negra escrita por mulheres ainda é invisibilizada. De acordo com a autora, cuja obra está sendo analisada nesse estudo, embora tenha começado a escrever desde muito cedo, somente se tornou reconhecida 20 anos depois. Em entrevista concedida à BBC, a escritora afirma que:

O texto literário, no caso da autoria negra, carrega nossa subjetividade na própria narrativa. A temática negra, principalmente quando trabalha com identidade negra, não é muito bem aceita. Quando a temática negra trata do folclore, ou não é tão reivindicativa, aí interessa. Mas quando questiona as próprias relações raciais no Brasil, é quase um tema interdito. Principalmente pela própria autoria negra. (EVARISTO, 2018)

A literatura negra emerge de um território sociodiscursivo considerado marginal, no sentido de posicionar-se antagonicamente à ideologia hegemônica. De acordo com Paulo Roberto Patrocínio (2013) o termo marginal é utilizado para classificar produções literárias a partir de um parâmetro hierarquizante, o que a coloca em uma posição contrária ao cânone, influenciando, desse modo, na forma como as obras são vistas. Por essa razão, faz-se necessário perceber, a partir de

um ambiente digital, no qual os discursos circulam voluntariamente, quem são os leitores da obra em análise, de que maneira eles a leem e a partir de quais critérios.

1 O LEITOR NA FRONTEIRA DA RECEPÇÃO

É sabido que a teoria literária nem sempre depositou no leitor uma atenção especial; muitas vezes, ocupava-se de vigiá-lo, cerceando sua liberdade através de diversas teorias, embora alguns estudiosos da literatura como Compagnon (2010), por exemplo, apresentem que o leitor não foi por muito tempo considerado parte fundamental do contexto literário. Durante boa parte do percurso literário, a crítica pouco ou nada se debruçou sobre o sujeito leitor, visualizando-o como uma “peça” fora do “jogo literário”, o qual se consolidava pelo revezamento da importância concedida ao autor e ao texto.

Com o surgimento do *New Criticism*, o movimento considera banir o leitor completamente da estrutura literária/textual, pois o tem como um elemento cuja interpretação empírica pode ser perigosa, no sentido de transgredir as normas e convenções erguidas pelo império literário. O que é constatado, a partir da historiografia literária e das suas correntes críticas, é que sempre existiu uma excessiva preocupação com o sujeito leitor, mas no sentido de contê-lo, pois, para os estudiosos da época, o leitor era o vilão e a sua participação mais democrática e ativa era impensável. Ressalta-se, ainda, que a crítica impressionista do século XIX foi arduamente perseguida pelas correntes teóricas que priorizavam uma leitura fechada e passiva.

De acordo com Compagnon (2010), a leitura livre e aberta é tolhida em detrimento dos privilégios da teoria literária de moldar um leitor competente ou ideal, aquele que se rende às expectativas do texto, como buscou-se em boa parte da historiografia literária; todavia, o leitor desenvolve um papel importante na

triangulação autor, obra e contexto. Conforme afirmou Roland Barthes (2004, p. 4) “o leitor é o homem sem história, sem biografia sem psicologia, é apenas esse alguém que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito”. Mesmo chamando a atenção para a importância do leitor, Barthes ainda o pensava sob o prisma da dependência exclusiva do texto. A ideia de leitor como produtor, emancipado e exercendo sua liberdade, possuía uma resistência em se sobressair.

A partir das ideias da Estética da Recepção, o leitor começa a ser analisado de modo mais efetivo. Nomes como Wolfgang Iser, Booth, Hans Robert Jauss são importantes nesse marco teórico.

O sentido se completa no leitor, seja por identificações ou por rejeições, pois, como aborda Compagnon (2010), a partir de uma justificativa por meio da projeção individual, ele traz consigo valores e julgamentos constituídos a partir de um horizonte de expectativas formado através de outras escrituras. Além disso, a leitura pode fazer com que as obras consideradas não canônicas ganhem visibilidade e legitimidade, principalmente por movimentarem o mercado de consumo, dando vez e voz aos autores silenciados.

Isso ocorre porque a recepção depende de alguns fatores: o primeiro está relacionado ao efeito e ao tempo em que o texto foi produzido, e o segundo está ligado à recepção, vinculada ao marco histórico em que o leitor está inserido. Dessa maneira, a forma como um texto é recebido modifica-se com o passar do tempo. Como exemplo disso, tem-se a própria recepção da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, que, em outro contexto socio-histórico, possivelmente não teria uma aceitação positiva, devido ao fato de a escritora ser uma mulher negra e a sua obra ser transgressora, na medida que valoriza as identidades das mulheres negras e a diversidade de gênero, apresentando-as de forma empoderada e insubmissa, e rejeita, por assim dizer, os moldes patriarcais, racistas e sexistas que forjaram a sociedade brasileira.

Com as lutas do movimento negro e o tensionamento relacionado às questões de gênero, obras como essa ganham cada vez mais visibilidade e são legitimadas pelo público. Os leitores, com o passar do tempo, ganharam, por assim dizer, autonomia. Refletem, questionam, opinam e apresentam possibilidades de mudanças a partir das obras. Jacques Rancière (2014) apresenta, em seu livro, a noção do espectador emancipado como um sujeito que desfruta da liberdade interpretativa, podendo, a partir do seu repertório, selecionar, escolher, se apropriar, se projetar em um personagem e criar. Esse pensamento rompe com a ideologia que concebe o leitor como passivo, aquele que desconhece o produto cultural que consome, bem como seus mecanismos de produção.

Na perspectiva de Rancière (2014), as obras afetam os leitores ao oferecer mundos possíveis, os quais podem ser modificados e contestados por eles. No território habitado por espectadores emancipados, indivíduos que sentem-se motivados e respaldados a exercerem sua criticidade acerca de um produto cultural, são as experiências que prevalecem e possibilitam questionarem os padrões dominantes, tanto da ética quanto da estética artística.

Os leitores estão cada vez mais insubmissos ao romperem com as fronteiras impostas, tanto pela teoria literária, quanto pelo cânone, demonstrando que a recepção não é meramente passiva, mas está ligada, principalmente, à experiência de vida do leitor e à relação afetiva com a obra. Podemos perceber isso através da quantidade de leitores presentes na plataforma *Skoob* que leram *Insubmissas lágrimas de mulheres*, obra que retrata uma realidade social vivenciada pela maioria das mulheres negras. Através da comparação entre o público feminino e o masculino, podemos perceber que 89% dos leitores são mulheres. Essa porcentagem em relação ao gênero feminino ocorre, possivelmente, pelo fato de a escrita de Conceição Evaristo representar a voz das mulheres negras atendendo às diversas perspectivas e aos contextos sociais em

que as leitoras estão inseridas. Além disso, é uma obra que convoca as leitoras a verem suas experiências como objeto narrado, a partir de um olhar autorizado pela *escrevivência* atravessada pelo lugar de fala comum ao das leitoras.

A opressão, a exploração e a violência, mas também a possibilidade de ser feliz ao renunciar dos papéis submissos e conduzir suas próprias histórias, causam no público uma identificação coletiva através da autorrepresentação e da *escrevivência*. Evaristo (2018) diz que quando escreve não se desvincula do seu corpo de mulher e de negra na sociedade brasileira. No prefácio do livro analisado, a autora afirma que: “portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem [...]” (EVARISTO, 2016, p. 8). Somado a esse pensamento, pode-se afirmar que essas histórias pertencem aos leitores que se veem ali, ou que reconhecem, nas personagens, histórias de algum familiar ou vizinho da comunidade e, por isso, a obra os afeta de modo mais profundo.

2 A PLATAFORMA SKOOB

A plataforma *Skoob* é uma rede digital colaborativa direcionada aos leitores. Criada em 2009 por Lindemberg Moreira, tem como proposta reunir leitores e novos escritores para a troca de opiniões, resenhas, comentários curtos sobre as obras lidas, além de disponibilizar ferramentas gratuitas, o que garante um acesso mais democrático e diversificado. Além disso, o *Skoob* dispõe de outros recursos, como a criação da própria biblioteca e avaliações por estrelas.

As plataformas digitais como o *Skoob* permitem uma maior interação entre os leitores, principalmente em relação a uma obra específica. Isso influencia na recepção da obra, pois, através dos comentários e da quantidade de opiniões positivas ou negativas, poderá levar outros usuários a lerem (ou não) aquele livro. Portanto, a crítica considerada “não especializada” vem ganhando o poder de impulsionar uma obra, dando legitimidade ao aspecto que,

consequentemente, aumenta a circulação no mercado. Por essas razões, essas plataformas colaborativas são veículos importantes de divulgação e incentivo à leitura; além disso são locais onde é possível avaliar uma obra, já que ali, longe das imposições acadêmicas, os leitores, com perfis diversos, tecem comentários de forma livre, propagando suas crenças, ideologias e reafirmando suas identidades.

2.1 Leitores insubmissos na plataforma Skoob

Na página da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* no site *Skoob*, pode-se observar que a obra possui 4,7 como avaliação geral. Dentre o universo de usuários da página, 588 leram, 47 estão lendo, 1.371 querem ler, 2 estão relendo, 2 abandonaram a leitura e 108 “favoritaram” a produção.

Para consolidar essa breve análise, mediante da limitação do desenvolvimento da pesquisa, foi realizada uma pesquisa minuciosa no acervo de comentários dos usuários da rede social colaborativa, tendo em vista a seleção de textos que demarcassem a menção do conceito de *escrevivência*, bem como a reunião de elementos que remetessem à temática da identidade negra e das diferentes atribuições de sentido possivelmente empregadas pelos leitores/usuários. Portanto, do universo de resenhas da plataforma *Skoob*, foram selecionadas cinco resenhas sobre a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, cujos conteúdos, elaborados pelos leitores, externam os motivos de predileção e aceitação da obra literária.

Ao analisar as resenhas escolhidas, podemos traçar um perfil dos leitores, bem como perceber como a obra impacta profundamente o leitor, deslocando-o e levando-o a refletir sobre si e sobre a coletividade, conforme é visualizado em um comentário da usuária “Luci”:

Insubmissas lágrimas de mulheres faz jus ao título, ao menos para mim, que sou uma chorona inveterada. Porém, não atribuo ao meu lado emotivo as lágrimas a cada fim de capítulo, mas sim à escrita tão afetiva e penetrante de Conceição Evaristo. Ela sabe como contar histórias que nos transformam. E a isso se dedicou nessa antologia com 13 contos ao todo. No livro, ela nos apresenta as vivências de diferentes mulheres, dando enfoque a suas particularidades e experiências íntimas, a começar pelo título de cada conto-capítulo: Seus próprios nomes. E assim Conceição nos leva para outras vidas, outros traumas, outras descobertas, outros desamores, outros romances... Todos enredados pela sensibilidade de sua escuta e de seu subsequente relato de vida destas protagonistas. Como a própria autora pontua: “estas histórias não são minhas, mas quase me pertencem” são narrativas verídicas, inventadas, intrigantes, emocionantes, e, sobretudo, muito reais. Esse livro é, por vezes, um soco, por outras um acalento. E eu não tive escolha, senão deixar o choro viver. (Resenhas- Insubmissas Lágrimas de Mulheres, 2020)

A leitora foi afetada pela obra ao perceber as vozes dissonantes e coletivas que atravessam a narração. Eventos, experiências individuais e coletivas que formam a subjetividade do público, bem como a temática vinculada, a qualidade estética transcende nos contos, ao ponto de despertar emoções. Através dos principais postulados da Estética da Recepção, pode-se vislumbrar o papel conferido ao leitor ao enxergar-se como sujeitos partícipes, os quais, embebidos em um contexto de emancipação – ainda que virtual – assumem os papéis de curadores daquilo que outrora consumiram – nesse caso, a obra literária de Conceição Evaristo.

De acordo com a pesquisadora Maria Cristina Santos (2018), as imagens das mulheres construídas por Conceição Evaristo são fortes e ativas, o que se contrapõe aos estereótipos apresentados pelo cânone nacional. De acordo com Santos (2018, p. 102), é “justamente a representação das mulheres negras fortes e atuantes que atravessa a obra da escritora, incorporando uma perspectiva racial e de classe na forma como as mulheres negras experienciam o gênero”.

O discurso literário presente na obra surge para demarcar um lugar discursivo das minorias; desse modo configura-se, também, como uma produção político-literária que dialoga, principalmente, com mulheres negras denunciando

a posição de subalternas a qual foram submetidas, convocando-as a se tornarem insubmissas. A obra, nesse sentido, representa uma realidade vivida por muitas leitoras, haja vista que essas se identificam através de suas construções identitárias e do grupo no qual se inserem. Assim, veem, através dos interstícios do texto literário, caminhos interpretativos que conduzem esses leitores a respeitarem e a compreenderem as projeções de sentidos que formulam, sobre si mesmos e sobre o texto. Acerca da identificação dos leitores, Conceição Evaristo (2020, p. 32) afirma:

A maioria das personagens que construo se apresenta a partir de espaços de exclusão por vários motivos. Pessoas que experimentam condições de exclusão tendem a se identificar e a se comover com essas personagens. Um sujeito gay se vê nesse texto porque, também ele, vive essa experiência de exclusão. Um sujeito pobre tem a mesma identificação com uma personagem que vive a condição de pobreza. Uma mulher que se cumplicia com as outras se sensibiliza ao ler o conto “Maria” ou Insubmissas lágrimas de mulheres. Assim como a escritora ou o escritor ao inventar a sua escrita, pode deixar um pouco ou muito de si, consciente ou inconscientemente, creio que a pessoa que lê, acolhe o texto, a partir de suas experiências pessoais, se assemelhando, simpatizando ou não com as personagens.

Quanto ao processo de identificação por meio da representação dos grupos marginalizados, como é o caso das mulheres negras, Patrocínio (2013, p. 67) defende que “quem melhor representa a periferia é o periférico”. Seguindo o raciocínio do autor, podemos afirmar, ainda, que são as mulheres negras as que melhor se representam. A literatura negra feminina ou marginal, como denomina Patrocínio (2013, p. 39):

(...) podem ser tomadas como exemplo da estruturação discursiva que busca a valorização do sujeito da enunciação amparado no princípio ético. Tais movimentos literários possuem como fundamento identificar o sujeito na situação que descreve como objeto de conhecimento que propõe recortar a partir de sua particularidade seja de gênero (*gender*) ou raça.

A literatura negra feminina objetiva dar vez e voz aos indivíduos negros, pois o problema encontrado na literatura nacional não está ligado à falta desses grupos na contística ou no romance - pelo contrário, está relacionado à forma como a existência da negritude é apresentada. Em a *Negação do Brasil*, escrito pelo cineasta e roteirista Joel Zito Araújo (2000), ele afirma que:

Na virada do século XXI, passados mais de cem anos do movimento eugenista, negros e índios continuam vivendo as mesmas compulsões desagregadoras de uma auto-imagem depreciativa, gerada por uma identidade racial negativa e reforçada pela indústria da cultura brasileira a que insiste simbolicamente no ideal de branqueamento. (ARAÚJO, 2000, p. 25)

Por essa razão, as produções de escritoras negras rompem com a ideologia hegemônica que busca apagar e negar os sujeitos negros, bem como as suas contribuições na sociedade brasileira. Portanto, ler *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* é um ato de subversão, mesmo que a obra não alcance todo o público esperado, pois, devida à desigualdade social ligada às questões raciais, a maioria dos leitores da supracitada autora estão em ambientes acadêmicos e elitistas, o que gera uma quebra de expectativas, pois espera-se que a obra alcance, sobretudo, o público negro. No entanto, muitos não podem ter acesso ao livro. Outra questão relevante é que nem todos leem como mulher negra ou leem como negro, pois, como afirma Sueli Carneiro (2011, pp. 63-64):

A identidade étnica e racial é um fenômeno historicamente construído e destruído. (...) Aqui aprendemos a não saber o que somos e, sobretudo, o que devemos querer ser. Temos sido ensinados a usar a miscigenação ou a mestiçagem como carta de alforria do estigma da negritude: um tom de pele mais claro, cabelos mais lisos ou um par de olhos verdes herdados de um ancestral europeu são suficientes para fazer alguém que descenda de negros se sentir pardo ou branco, ou ser “promovido” socialmente a essas categorias (...).

Esse não reconhecimento do negro e a negação da identidade negra é decorrente do resquício de um pensamento do colonizador que, buscando subjugar os povos negros, criou imagens sobre a África e os seus descendentes com base no que, de acordo com o estudioso Nerivaldo Araújo (2018), é chamado de *Afropessimismo*. Esse termo caracteriza a estratégia de estereotipar negativamente o continente africano e seus descendentes. A visão negativa foi reforçada no imaginário social com o discurso do branqueamento. De acordo com Araújo (2018, p. 294):

Tal fato é estimulado por parcelas da sociedade, por intermédio da mídia e da literatura, que, mesmo diante de políticas governamentais de igualdade e outras ações sociais desse porte, ainda costumam, em muitos casos, associar a imagem do negro e de sua cultura a estereótipos negativos, reforçando o preconceito criado no Brasil desde a época da colonização. Essa situação tem revelado, em inúmeras circunstâncias a consolidação de uma imagem negativa sobre o negro, o que lhe conduz, muitas vezes, à negação da sua própria identidade negra.

Embora a questão da identidade seja algo complexo, ela possui influência no modo como os leitores leem; no entanto, isso não impede o exercício do olhar para a alteridade em toda a sua multiplicidade. Pensar o outro é refletir sobre nós mesmos. Maria Rita Kehl (2001, p.63) diz que “a fabulação dá consistência imaginária ao “eu”, este eu que é tudo de que o sujeito dispõe para estar com o outro e para existir no tempo (...)”. E a compreensão daquilo que merece ser contado, para que o leitor se identifique e possa atribuir sentidos a partir das suas vivências, dá essa possibilidade ao leitor, conforme veremos no próximo comentário da usuária “Ranniery” na plataforma *Skoob*:

Ser mulher é identidade de luta
“My sister, quem tem olhos fundos, começa a chorar cedo e madruga antes do sol para secar sozinhas as lágrimas. Por isso, minha urgência em deixar meu relato.” É o que desabafa uma das treze protagonistas dos contos trazidos pela escritora Conceição Evaristo no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*”. (Editora Malê, 2016)

São relatos urgentes. Histórias singulares de mulheres em 13 contos diferentes, mas que compartilham entre si a capacidade de transformar a dor em resistência. Histórias de vida de quem muito já sofreu, mas hoje celebram o prazer de terem encontrado a elas mesmas nas próprias histórias.

(...) A maneira como Conceição Evaristo nos traz os relatos, muitas vezes nos faz confundir a voz da própria narradora com as vozes das personagens apresentadas. Uma confusão, na verdade, que só acrescenta à fruição da proposta da autora: dar voz para que as próprias mulheres contem suas histórias. E isso é marcante no momento em que cada capítulo traz como título o nome da protagonista daquela história. O livro é sim sobre Shirley Paixão, Natalina Soledad e Isaltina Campo Belo. Mas acima de tudo, é um livro sobre ser mulher, em toda a sua dor e toda a sua delícia.

É um livro em que Conceição Evaristo se permite construir toda a sua poética e verve literária a partir de histórias que poderiam ser reais. É disso que se faz a escrevivência adotada pela autora em seus escritos. Ela deixa claro em cada um dos contos a diversidade de subjetividades que ela aborda. Cada mulher tem sua história diferente para contar. Mas há uma identidade em comum que une todo aquele universo: ser mulher. Ser mulher negra, mulher agredida, mulher lésbica. Mas acima de tudo, ser mulher, capaz de lutar desde a sua gênese. Em Conceição Evaristo, ser mulher é mais que identidade de gênero. É identidade de luta. (Resenhas - Insubmissas Lágrimas de Mulheres, 2018)

No trecho da resenha, podemos notar que os leitores de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* não fazem parte de um público comum, pois, pelo discurso, no geral, percebe-se um nível de instrução em relação a uma identidade móvel que constrói a mulher com base nos embates que se formam a partir dela. De acordo com Jonathan Culler (1997), a relação entre leitor e texto ocorre através da experiência que se divide. Enquanto por um lado o leitor possui suas experiências das quais ele abdica ao mergulhar no texto, por outro, ele se dispõe a fazer uso de experiências que são construídas de modo específico. Isso diferencia o leitor comum do leitor instruído. O autor ainda acrescenta que: "(...) eles aprendem a ter um certo tipo de experiência, a transformar-se conforme leem em um leitor que pode ter aquela experiência" (CULLER, 1997, p. 51).

O leitor deixa implícito que lê sob o prisma de suas experiências pessoais, mas também passa a ser afetado pelas outras possibilidades. Compreende, por assim dizer, mesmo que não deixe explícito em seu comentário, que ser mulher

é uma construção social, que a identidade produzida para as mulheres é pautada no discurso das diferenças biológicas, e, a partir disso, são atribuídos papéis de gênero, nos quais as mulheres são subjugadas. O leitor, ao citar vários modelos do que é “ser mulher”, mostra que reconhece que essa condição não é um dado inato, mas sim uma construção. Nesse sentido, a leitura da obra privilegia diversas experiências que permeiam o universo “feminino”.

É importante frisar que tanto mulheres como homens são levados a ler de forma unilateral sob um viés machista e patriarcal, e, na contemporaneidade, principalmente a partir das críticas feministas ancoradas no *Segundo sexo*, obra escrita por Beauvoir (1967), e as pautadas no feminismo negro, influenciadas pelas estudiosas Ângela Davis, Bell Hooks, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, dentre outras pensadoras, a percepção dos leitores foi se modificando. De acordo com Culler (1997, p. 77):

Uma mulher ler como uma mulher não significa repetir uma identidade ou experiência que é dada, mas assumir um papel que ela constrói com referência à sua identidade como mulher, que é também uma construção, de modo que a série pode continuar: uma mulher lendo como uma mulher lendo como uma mulher. A não-coincidência revela um intervalo, uma divisão interna à mulher ou a qualquer sujeito leitor e à “experiência” daquele jeito.

O leitor, nesse sentido, se permite compreender outras experiências a partir de diferentes referências. Através desses fatores, é notório que a obra na plataforma *Skoob* possui uma recepção que é positiva, principalmente por abordar, de modo sensível e cuidadoso, as questões de identidade de gênero e de raça. O leitor, por sua vez, cada vez mais crítico, é sensibilizado por outras vivências tão importantes quanto as dele, ampliando o horizonte através da *escrivivência* de Evaristo. É levado a questionar o sistema que impõe somente um modo de ser e viver, e, por tudo isso, o leitor afirma que a identidade da “mulher” é também de luta. Assim endossa Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 91):

Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados a identidade. Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação.

Diante do exposto, a obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* vem conquistando cada vez mais leitores, principalmente na sua segunda edição. De acordo com dados coletados na plataforma *Skoob*, existe uma diferença significativa entre a quantidade de leitores que leram a primeira edição do livro, lançado pela editora Nandyala, em 2011, e os que leram a 2ª edição, publicada pela editora Malê, reimpressa em 2016. Enquanto naquela têm-se 852 leitores, nessa última foram contabilizados 1.246 leitores, evidenciando um aumento de 31,62% nas leituras da obra entre as edições citadas. Acredita-se que o aumento ocorreu por três fatores. O primeiro, pelo fato de a autora Conceição Evaristo ter ganhado o prêmio Jabuti em 2015, o que valoriza a sua literatura, inclusive nas academias, haja vista que as obras de Evaristo vêm sendo bastante estudada nos últimos anos. Outro motivo importante é que cada vez mais se discute gênero e raça nas mídias sociais e divulga-se com mais avidez a obra de escritoras negras, justamente porque os leitores anseiam por representatividade, como podemos observar no comentário do leitor “Adonai”.

Conceição Evaristo é maravilhosa, isso já sabemos, e aqui nesse livro o adjetivo não muda. E sobre o seu escrever, só se acrescenta: escrita viva, parece sair das páginas, doce e amarga ao mesmo tempo e costurada com a complexidade, assim como nossa vida é. São contos de mulheres que vivem em nosso cotidiano. Parece até que estamos dentro das páginas e conseguimos identificar sobre quem ela está escrevendo, além de marcar cada letra com dor, desejo, experiência e poesia. A complexidade me deixa escapante, sinto que não consigo expressar o que li, pois nada parece alcançar a potência do livro. Um livro necessário. (Resenhas - *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, 2020)

Estar incluído é um direito emergencial do leitor, sobretudo de leitores que, de algum modo, estão à margem. Se ver nas páginas através de histórias de superação e resistência é um modo de se afirmar, pois a literatura negra feminina é um meio de intervenção social que transforma, conscientiza e promove o conhecimento. O usuário vê-se dividido entre atribuir o sentido que cabe à sua experiência, ao seu repertório intelectual e à sua experiência de mundo, bem como denota uma certa confusão por, de certa maneira, admitir que a obra lhe parece complexa para que ele exprima um determinado significado nas suas poucas linhas. Dessa maneira, percebe-se como o leitor, na contemporaneidade, pode configurar o seu comportamento – ciente do seu lugar cada vez mais ativo e respaldado pela sua reconhecida emancipação (RANCIÈRE, 2014), pode ser capaz de manifestar e atribuir diversas semantizações ao que, apesar de ser atribuído como propriedade intelectual de outra pessoa, através do leitor a escrita recebe o seu significado. Ainda acerca das nuances das atribuições de sentido, endossa a usuária “Laís Porto”, na sua resenha:

(...) Algo que achei engraçado é que sempre falava Insubmissas lágrimas de Mulheres Negras, com o livro percebi que falava errado, não existe no título essa parte- negras, mas com a leitura percebo que todas as mulheres são negras, todas, se alguém pensou diferente não discordo, mas peço que faça o exercício de reler cada história com maior atenção e perceberá que elas são negras, não sei porque não tem o negras no título, isso foi algo que me chamou a atenção, se alguém tiver essa resposta vou adorar saber.

No livro temos 13 histórias, 13 mulheres negras, por mais que as vezes uma história lembre a história e outras, todas elas são diferentes, cada mulher com suas vivências, essa é uma das belezas de Conceição, ela mostra que somos DIVERSAS, na mídia em geral representam a vida toda das mulheres negras em apenas uma mulher, como se todas as mulheres negras tivessem o mesmo modo de viver, de ser feliz, de sofrer, nós mulheres negras percebemos muitas semelhanças nas vivências, porém é notório que temos complexidades em nossas vidas que nos torna diferentes. Conceição demonstrou com um esmero magnífico as 13 histórias dessas mulheres negras. (...) contudo duas mulheres me arrebataram, Isaltina Campo Belo e Lia Gabriel. (...) era como se fosse possível presenciar essas histórias perto de mim, não são histórias que refletem a minha própria história, mas foram histórias que me despertaram bons e dolorosos sentimentos (...). logo no

início falou sobre a sua escutatória, lembrei de Rubem Alves, das pretas velhas, das benzedeadas, das parteiras, fiquei pensando em como estamos perdendo esse manejo das nossas de saber escutar, essas mulheres antes de fazer qualquer coisa ou procedimento com as pessoas que lhe procuravam elas escutam tudo que era relatado, Conceição resgatou a necessidade de saber escutar (...) espero que com esse livro possamos despertar para o significado para o poder que é escutar. Nas outras resenhas dos livros aconselhei que vocês lessem devagar, nessa faço a mesma coisa, leiam Insubmissas devagar, sintam cada história, se deixem ser afetados pela escrita de Conceição e depois que terminar a leitura é como se não fossemos a mesma pessoa, pelo menos eu me sinto diferente, é como se eu tivesse vivido mais, vivido também a história das mulheres que li, isso só Conceição pode nos proporcionar. (Resenhas - Insubmissas Lágrimas de Mulheres, 2019)

A plataforma *Skoob* forma novos leitores, que impõem a sua autoridade de modo positivo, como se fizessem parte daquela produção e, decerto, eles fazem. Pertencem aos leitores as vozes dissidentes ávidas para fazerem ecoar os seus discursos. Esses veem na *escrevivência* de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* isso se concretizar, causando, por assim dizer, um forte efeito de identificação com elementos da obra, seja pelo narrador, pelos personagens, ou pelo próprio autor. As experiências pessoais passam a fazer sentido quando são compartilhadas, se tornando, também, parte da vivência coletiva. Maria Rita Kehl (2001) defende em seu texto *Minha vida daria um romance*, a relação do leitor com elementos internos e externos à obra, de maneira que legitime e autorize o que é experienciado pela diferença. Mesmo se tratando de uma escrita romanesca, é pertinente refletir, a partir do ponto de vista desenvolvido por Kehl, a identificação leitora com a *escrevivência* de Evaristo. De acordo com a autora:

A identificação do leitor com estes personagens sem fama e sem prestígio funciona de maneira a, simultaneamente, em primeiro lugar, “legitimar a experiência” e, em segundo lugar, “autorizar a diferença”. Se a experiência como vimos em Walter Benjamin, é aquela parcela do vivido que é transmissível porque é compartilhável, sua existência pressupõe um solo comum, uma fundamentação simbólica coletiva, que garanta uma certa uniformidade no sentido de tudo o que é vivido mesmo por cada homem isoladamente. (KEHL, 2001, pp. 86-87)

É a experiência coletiva que legitima a *escrevivência*, uma escrita individual, mas que abarca outras subjetividades. Por tudo isso, a obra de Conceição Evaristo é considerada, pelos leitores, uma produção necessária, transgressora e desejada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em território digital, como na plataforma *Skoob*, os leitores têm autoridade para julgar a obra a partir de critérios diversificados, que podem ser formados por uma rede de experiências vividas como pessoas negras em sociedade, mas também como sujeitos que não se classificam como tal, mas foram afetados pelas histórias marcantes de diversas realidades compartilhadas por mulheres. Desse modo, podemos concluir que a obra é recepcionada positivamente por um público multifacetado e que possui diversas identidades, ressaltando que as mulheres formam o maior número de leitoras da obra. Por um problema relacionado à construção identitária ligada ao racismo, ao discurso da miscigenação que, nas palavras da Sueli Carneiro (2011, p. 66) “vem prestando a diferentes usos políticos e ideológicos”, não é possível afirmar que todas as leitoras são negras ou moradoras de lugares periféricos. Todavia, fica implícito, na maioria das resenhas, que, do universo de resenhas destacadas, a maioria dos leitores e das leitoras são negros e negras, e outros possuem pessoas próximas que compartilham da mesma realidade das personagens, através dos relatos por eles trazidos e outrora experienciados, desse modo, fazendo parte do contexto socio-histórico que se aproxima da sua vida. A leitura, nesse sentido, poderá contribuir para moldar, afirmar, valorizar ou rejeitar as identidades e as vivências produzidas.

Outro critério utilizado pelos leitores que legitimam a obra de Evaristo é a qualidade estética. Todos os leitores cujas resenhas foram analisadas elogiam a escrita da obra, não somente pela temática, mas também pela qualidade literária que possui. Os elementos da oralidade, o ritmo e a linguagem poética estrategicamente articulada para despertar sensações profundas, desperta o interesse dos leitores especialistas e dos leitores comuns. Tudo isso faz com que atribuam à obra uma alta qualidade estética e literária, também considerando-a como necessária, pois contribui para a diversidade literária brasileira, trazendo perspectivas pautadas na alteridade. É uma escrita que possui marcas próprias, carregadas de humanidade, desespero, luta, resistência e ressignificação.

Sendo assim, os leitores assumem um papel importante na legitimação do livro pelo modo como a interação ocorre. Foi observado que a identidade do leitor é um fator relevante na produção de novos sentidos, tanto em relação à ética, quanto à estética literária. É importante frisar que a experiência estética do leitor não segue necessariamente os moldes pensados por uma crítica literária elitista. Através das análises e conforme defendido pelas teorias da recepção, nota-se que o leitor pode alcançar novos horizontes, ao lançar o olhar para novas perspectivas do saber, ser e viver, e produzir novas escritas através das suas percepções. Nesse tocante, visualizamos a relevância ao elencarmos o espectador – ou o receptor – que se emancipa em busca de desenvolver sua criticidade, podendo conferir sentido a ela através da identificação com a leitura de obras literárias, as quais cumprem a sua função social para com o indivíduo.

Os contos cujas resenhas foram analisadas narram a realidade das mulheres negras de forma cuidadosa, respeitando a humanidade de cada personagem, os quais, por sinal, têm nome e sobrenome e assumem o papel de narradoras. Desse modo, convoca o leitor a ser também um protagonista e condutor da sua própria história, estimulando-o a questionar, resistir e ressignificar suas relações com o outro e consigo mesmo. As vivências das treze

personagens aproximam-se, portanto, do mundo do leitor pela semelhança, possibilitando a esse ser afetado e se deixa afetar, despertando a sua participação e criticidade em meio virtual.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

ARAÚJO, Nerivaldo Alves. Identidades ribeirinhas e seus alinhavos em narrativas e na poesia oral das margens do Velho Chico. In: COSTA, Edil; ARAÚJO, Nerivaldo; FERNANDES, Frederico. *Vozes, performances e arquivos de saberes*. Salvador: Eduneb, 2018, pp. 291-302.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

CULLER, Jonathan. *Sobre desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira*. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

EVARISTO, Conceição. *É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos*. Entrevista concedida a Julia Dias Carneiro. Entrevista concedida em março de 2018, BBC, Rio de Janeiro. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>>. Acesso em: 22 dez. 2020.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luis Costa. *A leitura e o leitor: textos da estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KEHL, Maria Rita. Minha vida daria um romance. In: __ BARTUCCI, Giovanna. *Psicanálise, literatura e estética de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. pp.57- 89.

LIMA, Luis Costa. *A leitura e o leitor: textos da estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2014.

Resenhas -Insubmissas lágrimas de mulheres. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/240841/edicao:639221>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro. Malê, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/240841#=_>. Acesso em: 14 nov. 2020.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 21 de março de 2021.

Aprovado em sistema duplo cego em: 02 de setembro de 2021.